

Diagramação e Direção de Design

Núcleo de Design - Unifran

Catálogo na fonte – Biblioteca Central da Universidade de Franca

Seminário de pesquisa em linguística, (10.: 2019: Franca, SP).

- S474 X Seminário de pesquisa em linguística da Universidade de Franca (SELINFRAN) - democracia, resistência política e produção científica: efeitos em textos e discursos, 19 - 21 set. 2019 / organização, Aline Fernandes de Azevedo Bocchi, Luana Ferraz, Marilurdes Cruz Borges; vários autores. – Franca, SP: Universidade de Franca, 2019. e-book.

ISBN e-book: 978-65-80120-31-4

Linguística – Seminário. 2. Pesquisa científica – Linguística – Resumos. 3. Linguística – Produção científica. 4. Democracia – Resistência política. 5. Produção acadêmica. I. Bocchi, Aline Fernandes de Azevedo. II. Ferraz, Luana. III. Borges, Marilurdes Cruz. IV. Universidade de Franca. V. Título.

CDU – 801:001.891(061.3)

ANÁLISE DAS PAIXÕES QUE LEVAM PESSOAS À SITUAÇÃO DE RUA

Gabriel Henrique HADDAD (UNIFRAN)

Maria Flávia FIGUEIREDO (UNIFRAN)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os relatos de moradores em situação de rua sob a perspectiva da Retórica das paixões. Espera-se evidenciar quais as possíveis emoções (paixões aristotélicas) despertadas nessas pessoas para que fossem levadas a essa condição de exclusão social. Para isso, nos auxiliarão os autores da teoria Retórica: Aristóteles (2000) (2012), Figueiredo (2018), Lima (2011), Mateus (2018), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Perelman (2004), Meyer (2000), Reboul (2004), Ferreira (2010), Figueiredo e Ferreira (2016), Abreu (2002) e Fiorin (2014). A fim de proceder à análise, foram efetuadas entrevistas semiestruturadas com moradores em situação de rua na cidade de Franca/São Paulo para tentar, de forma qualitativa, compreender se o processo de despertar das paixões influenciou diretamente na tomada de decisão dos entrevistados em relação a suas condições de moradores em situação de rua.

Palavras-chave

Retórica; Paixões aristotélicas; *Pathos*; Pessoas em situação de rua; Marginalização.

ABSTRACT

This paper has the objective to analyze the testimonies of homeless people from the rhetorical perspective, in particular, from the Aristotelian theory of emotions. It is expected to evidence the possible Aristotelian passions (emotions) aroused in those people that led them to their condition of social exclusion. In order to proceed to the analysis, the following theorists composed our bibliographical framework: Aristotle (2000) (2012), Figueiredo (2018), Lima (2011), Mateus (2018), Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Perelman (2004), Meyer (2000), Reboul (2004), Ferreira (2010), Figueiredo and Ferreira (2016), Abreu (2002), and Fiorin (2014). In order to make the analysis process possible, the testimonies were collected from the selected population in Franca/São Paulo. Through the qualitative analysis, it is expected to answer if the arousing of the Aristotelian passions influenced directly on the decisions of the population on their homeless condition.

Keywords

Rhetoric; Aristotelian passions; *Pathos*; Homelessness; Marginalization.



Introdução

A Retórica de Aristóteles define em seu cerne, três meios para que se possa alcançar persuasão, também chamados de provas artísticas, sendo elas: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. O primeiro (*ethos*) está ligado ao caráter do orador, ou seja, a imagem que ele constrói de si e que o auditório constrói dele, o segundo (*pathos*) pode ser caracterizado como as paixões (emoções) despertadas no ouvinte, e o último (*logos*) é o tecido argumentativo do discurso, em outras palavras, todos os argumentos de caráter lógico dos quais o orador lança mão para convencer seu auditório com seu discurso. Das três estratégias citadas, a ênfase desta pesquisa repousará sob a figura do *pathos*. Essa escolha se justifica em função do entendimento de que as paixões aristotélicas exercem um papel de extrema relevância no que diz respeito à persuasão. Elencadas no segundo livro do filósofo de Estagira, as paixões vêm ganhando notável importância nos estudos contemporâneos, extrapolando os estudos da linguagem e da Retórica e estendendo seu alcance a outras áreas do conhecimento, como a Psicologia, Psicanálise, Sociologia e até mesmo em teorias jurídicas. Norteados por esses conceitos, a pesquisa a qual este resumo faz referência visa à investigação de como os efeitos passionais são capazes de persuadir um indivíduo, e de como essa persuasão age no caráter psicofísico do ser.

Para efetuar tal investigação, partir-se-á da descrição feita por

Aristóteles acerca das paixões, assim como de conceitos de estudos mais recentes dos campos da psicologia, da sociologia, da antropologia e do direito. Adotando o método etnográfico, no qual o pesquisador adentra um grupo social para que o recorte analítico seja feito, e a pesquisa de campo, por meio de entrevistas, serão investigadas as possíveis paixões despertadas em moradores em situação de rua da cidade de Franca-SP. Analisando as transcrições das falas coletadas desses sujeitos, buscar-se-á entender as motivações que exerceram papel crucial na “tomada de decisão” dessas pessoas, e como as alterações psicofísicas, provenientes da lide com o *pathos*, são capazes de levar um ser ao seu extremo, submetendo-o a condições de miséria e marginalização.

Com base no exposto, acredita-se que esta pesquisa poderá contribuir para o campo teórico da retórica por analisar e refletir sobre como a instância do *pathos* influencia na construção dos aspectos persuasivos. Além disso, acredita-se que os resultados obtidos poderão auxiliar nos estudos sociológicos e jurídicos, visto que pode haver uma relação entre as emoções despertadas e as ações desses indivíduos à margem da sociedade.

1. Do referencial teórico

Para que seja possível discorrer acerca das questões que tratam da temática desta pesquisa, os conceitos teóricos que configuram fundamentam nossas bases conceituais precisam ficar claros.



O livro *Retórica*, do filósofo de Estagira, Aristóteles, servirá de alicerce para toda nossa construção teórica. A obra em questão, dentre os diversos conceitos tratados, traz a classificação e definição de três meios artísticos de persuasão: o *ethos*, classificado como o caráter do orador, o *pathos*, que são as paixões (emoções) despertadas no ouvinte, e por fim, o *logos*, que configura as construções argumentativas que compõem um discurso.

No segundo livro da *Retórica*, Aristóteles trata do *pathos* e expõe em que grau o estímulo das emoções é essencial no processo de persuasão do auditório. Segundo o pensador, as emoções influenciam diretamente na forma com que interpretamos uma questão e, dessa forma, “os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio” (ARISTÓTELES, 2012, p. 13). A partir dessa afirmação do mestre grego, fica clara a importância da lide com as paixões em sentido discursivo.

A fim de expandir os estudos no que compete às questões linguísticas e argumentativas, a pesquisa também se pautará nas obras de Lima (2011), Mateus (2018), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Perelman (2004), Meyer (2000), Reboul (2004), Ferreira (2010), Figueiredo e Ferreira (2016), Abreu (2002) e Fiorin (2014) para seu desenvolvimento.

Propor-se-á, dessa maneira, a consideração do fator patético como imprescindível no que concerne às “tomadas de decisões” dos indivíduos. É importante explicar que

essas emoções, com capacidade de persuasão, têm caráter psicofísico, ou seja, além de afetar o nível psíquico, chegam a alterar questões físicas do ser.

Além disso, é possível entender que existe uma relação entre as paixões despertadas e as ações praticadas, tanto em contexto retórico, quanto em contextos psicológicos e físicos. Utilizar-se-á, como ancoragem para essa questão da psicologia humana, os pensadores Foucault (1978) e Freud (2016). Entende-se, também que, por se tratar de um estudo em que características do ser humano e suas condições perante a sociedade serão observadas, é de suma importância sustentar as concepções jurídicas no que diz respeito às garantias fundamentais; assim, utilizar-se-á da doutrina de Moraes (2010).

Uma vez expostos os conceitos que ampararão a parcela teórica deste estudo, o recorte analítico proposto fica claro em sua escolha e sua justificativa. Dessa forma, o que se pretende com o desenvolvimento desta pesquisa é explorar como as alterações *patheticas* são capazes de levar um indivíduo ao seu extremo, colocando-o em condições de miséria e marginalização.

2. Análise retórico-passional de relatos de pessoas em situação de rua

Devido à extensão do objeto de estudo selecionado para a pesquisa, neste resumo, será apresentado apenas um recorte. O recorte mencionado é constituído pela análise



de trechos transcritos específicos da entrevista realizada com um dos sujeitos da população. O objetivo da análise, como supracitado, consiste em buscar o caráter retórico passional nas falas dos depoentes para entender a motivação maior capaz de arrebatá-los ao estado de marginalização.

Prezando pelas garantias de sigilo e confidencialidade dos entrevistados, conforme previsão legal, foram utilizados termos de consentimento, além de letras e números para a identificação dos participantes, assim, serão identificados como “participante 1” (P1), “participante 2” (P2) e assim sucessivamente.

O início do discurso de P1 serviu como identificação do entrevistado, como nome, idade, sexo e gênero. Posteriormente, foram levantados alguns questionamentos mais específicos, o que possibilitou o desenvolvimento.

Durante a entrevista, por mais que tenha aceitado e concordado com os termos da pesquisa, P1 aparenta ser quieto, isso pode ser notado diante de suas respostas curtas e diretas.

Pôde-se identificar, por meio da quarta pergunta, que ele não havia nascido na cidade de Franca, mas sim, em Ribeirão Preto, aproximadamente 90 km (noventa quilômetros) de distância, e que havia deixado a cidade por não se sentir confortável perto dos parentes.

Em relação a esses parentes, P1 esclarece ter irmãos em sua cidade natal:

“Tenho cinco irmãs e tenho um irmão também... todos de Ribeirão.”

Consequente foi levantada a hipótese de um retorno ao lar, e se a família já havia procurado por ele, mas foi negada pelo entrevistado. Questionado sobre a situação financeira em que vivia, de modo curto, descreve como sendo de pobreza.

Segundo P1, o que o motivou abandonar tudo e viver na rua foi, segundo ele, brigas entre seus familiares e o ciúme que sua companheira sentia. Ademais, respondendo sobre a emoção despertada, o participante cita a perda da mãe na adolescência.

Nesse ponto, pode-se levantar a hipótese da *indignação*, paixão aristotélica que pode ser definida como “sentimento de pesar por quem parece ser feliz imerecidamente” (ARISTÓTELES, 2000, p. 61). P1 pode sentir indignação em relação a sua família, que o abandonou e o levou a abandonar sua vida. Dessa forma, enquanto P1 se encontra nessa situação de vulnerabilidade, sua família goza da união, estabilidade e amparo de um lar.

Além disso, é passível de tristeza perder a mãe na adolescência, crescer sem a figura maternal, e isso também pode causar indignação. P1 também conta que após o falecimento, foi morar com “uma mulher”. Essa, que se tornou sua companheira, segundo ele, o traiu por mais de uma vez, causando brigas e ciúmes.

O relato acima descrito elenca a traição como um dos fatores que



o motivou a abandonar o lar. Essa declaração evidencia um desconforto no orador, essa quebra da fidelidade, e deslealdade que simboliza uma traição pode despertar tanto a paixão da *indignação*, quanto a do *ódio*, que pode ser descrita em comparação com a cólera da seguinte forma: “Quem sente cólera quer que o causador de seu tormento sinta, em seu lugar, seu mal, enquanto quem sente ódio deseja que seu alvo desapareça” (FIGUEIREDO, 2018, p. 146). A quebra da confiança, depositada em um cônjuge é suscetível de tristeza, aversão e dissociação e ódio, como vimos. O ódio de P1 pode ter sido outra variante que o levou a sua condição de exclusão social. Uma vez que, ao sentirmos ódio, queremos distância daqueles que despertam tal sentimento em nós, P1 pode ter encontrado em seu exílio a distância que seu ódio clamava.

Embora P1 não tenha se delongado em suas considerações, ainda assim se tornou possível a identificação de alguns aspectos passionais em seu discurso que possam justificar sua escolha. Outrossim, é razoável aludir outra emoção diante da análise do fragmento - “Casar de novo, ter uma casa, ver meus filhos” - por extensão, a paixão da *emulação* pode estar presente nessa fala. Vejamos do que trata tal paixão. De acordo com Figueiredo (2018, p. 147) a emulação

relaciona-se ao movimento de imitação ao outro. Sentimento em relação aos bens ou conquistas de outrem, que consideramos desejáveis e que estão ao nosso

alcance. É uma dor sentida, não porque as outras pessoas tenham tais bens, mas porque não os temos também, o que nos impele a querer possuí-los.

Dessa forma, por meio do discurso de P1 e da avaliação das possíveis paixões presentes em seu relato, é justificável afirmar que a emoção da emulação possa estar presente em seu testemunho, uma vez que ele deixa expresso seu desejo de sair de sua condição de fragilidade e possuir uma casa, viver um casamento e reencontrar seus filhos. P1, mesmo exilado por seu ódio e indignação emula valores e bens familiares, da mesma natureza daqueles dos quais fugiu anteriormente. Seguindo o roteiro de entrevistas, esta segunda análise se materializa diante à fala do, aqui identificado, P2 (participante 2).

Após as questões iniciais, de identificação, durante o percurso metodológico proposto pelas entrevistas, foi perguntando ao P2 qual foi o maior motivo que o fez ir morar na rua, obtendo-se como resposta:

“Abuso, *cruelmente* da própria família dos meus irmãos mais *velho*, só isso, já deu pra entender? Dos meus irmãos mais velho, abuso, pronto. E minha mãe não podia fazer nada por mim, porque meu pai já era finado.”

Levando-se em conta apenas esse trecho da entrevista, é possível verificar diversas questões passionais trazidas pelo P2. O fato de o entrevistado iniciar sua fala



com a palavra “abuso”, de imediato, presume-se um trauma de infância.

Segundo o dicionário Houaiss, a termo “abuso”, em sua primeira definição é - “uso exagerado, injusto ou errado” - a outra acepção trazida no verbete é - “defloramento, estupro” - justamente esse sentido que P2 quis explicar em seu depoimento. Assumir, perante qualquer circunstância, ter sido violentado sexualmente, aparentemente, justifica a substituição do termo estupro por abuso como forma de amenizar toda a dor causada. A paixão da *vergonha*, considerada por Aristóteles e descrita por Figueiredo (2018, p. 146) como uma paixão que “valoriza a imagem que o outro cria de nós; é dor ou perturbação em relação ao presente, passado ou futuro, que achamos que tenderá ao nosso descrédito de acordo com a visão de outrem. Caracteriza a inferioridade que sentimos em relação ao outro”, pode ser identificada nessa fala, pois, segundo o autor, ter relações sexuais com quem não convém e tirar proveito de pessoas indefesas são motivos de vergonha. Essa emoção torna-se mais aguda quando se analisa a expressão “própria família”. A proximidade, devido ao parentesco traz à tona outra paixão aristotélica, que é a *indignação*.

No decorrer da entrevista, P2 também faz uso da repetição em - “meus irmãos mais velho” e “abuso” - isso se traduz como um modo de confirmar a sua resposta e não entrar em detalhes sobre o assunto, devido ao incômodo passional, tanto que

finaliza sua fala com o termo “pronto”, ou seja, não havia mais o que dizer, para o entrevistado aquilo já estaria claro.

Dando continuidade à análise da fala, o participante descreve o ambiente hostil e degradante em que vivia. Pode-se, assim, relacionar duas das paixões elencadas por Aristóteles em sua obra: o *ódio* e o *temor*.

Segundo o filósofo, o *ódio* é um sentimento intenso de ira e aversão. Oposto ao amor, pactua com a inimizade. Já o *temor* se configura como uma situação de aflição ou perturbação causada por um mal, seja ele iminente, seja ruinoso ou penoso. São temíveis as coisas com grande capacidade destrutiva, aquelas que causam danos e levam ao desgosto.

Ao passo que, usualmente, é na família onde se busca o amparo, quando isso lhe é negado e trazido às avessas, torna-se uma situação perturbadora, em que o indivíduo se vê traído e, conseqüentemente, amedrontado.

Questionado, também, sobre qual foi a emoção mais forte que ele sentiu para tomar essa decisão, obteve-se a seguinte resposta:

“Eu vou lhe responder agora. Quem ama cuida, igual coração de mãe *num* tem, sua mãe já tentou te matar, uma vez? Esse foi o sentimento, que minha mãe tentou me matar uma vez eu tive que pular a janela de casa e morar na rua. E o conselho tutelar de Franca sempre me entregava na mão da minha família. Torturado, amarrado na cama, enfrentando a morte de

novo, mas eu sempre achava uma gretinha na janela, pulava um espaço de quase três metros de altura, quase quebrava o pé, mas eu ia pra rua. Quando o conselho tutelar me achava de novo, às vezes eu *tava* em Ribeirão Preto, Ituverava, *tava* longe da Franca, as vezes com quatorze ou treze de idade. Isso foi com a primeira vez que fui pra FEBEM. Foi com nove anos que eu tive que fazer isso, pra sobreviver, neste mundo frio e cruel que você vê, assim como me encontro agora.”

Nesse momento, antes de iniciar sua fala, o entrevistado fez o uso de uma pausa, pareceu estar se preparando para a resposta, quando retoma a fala com a expressão “responder agora”, o que pode confirmar essa possível preparação.

No percurso de sua argumentação, P2 tenta buscar a empatia com o entrevistador, e isso pode ser identificado na indagação – “sua mãe já tentou te matar, uma vez?”. Ele tenta estabelecer em sua narrativa uma proximidade, algo que o possibilite compartilhar aquele sentimento com o outro e demonstrar a paixão despertada.

Nessa fala, observa-se que a *indignação*, emoção listada na obra *Retórica*, foi possivelmente despertada em P2 quando, conforme relato, foi ameaçado de morte por sua mãe. Essa paixão pode ser despertada por meio do caráter, assim como a pena pela crença de que o semelhante não merece o mal, a indignação reflete pelo entendimento do próximo não merecer aquilo que têm, de que a situação não é proporcional à virtude.

O *temor*, também se faz presente nesse discurso, o medo da tortura, do sofrimento e da morte.

No decurso de sua fala, o locutor cita sua passagem entre treze e quatorze anos de idade pela Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM), nesse momento, questionado sobre o motivo de sua internação, ele alega ter praticado o artigo “157” do Código Penal Brasileiro, tipificado como roubo, e completou que se arrepende “amargamente” pelo o que fez.

Os demais argumentos utilizados pelo orador demonstram uma grande devoção a Deus, no seu discurso, descreve passagens bíblicas e além de citar diversas vezes os termos “Jeová”, “Jesus” e “Deus”. Assim, é cabível que as paixões do *amor* e da *confiança* estejam presentes em sua manifestação.

Por fim, como se pode observar, as paixões aristotélicas enumeradas puderam ter, juntas, um poder persuasivo, possivelmente, incontrolável para P2, fazendo com que as emoções comandassem, de fato, o seu julgamento e o colocasse na situação em que se encontra atualmente.

Conforme já informado anteriormente, as entrevistas buscam, por meio das respostas dos participantes, a identificação de possíveis emoções despertadas, que tenham relevância na tomada de decisão dessas pessoas.

Em um recorte da terceira entrevista, P3 descreve a situação atual em que vive e a tentativa





frustrada de seus familiares de tirá-lo da rua. No trecho:

“Mas eu que tenho que dar o primeiro passo Já quis voltar, mas não com essa aparência, porque eu *to* assim, como se diz, é... com a feição não assim aprumada *dum* cidadão, porque pessoas que é... a gente que é dependente químico, a pessoa vê a gente como um animal, um bicho, até corta a volta na calçada, entendeu?”

Ao citar sua aparência, P3 transmite uma latente vergonha de sua fisionomia. Quando afirma não estar “aprumado”, o orador quer dizer que não se encontra a prumo, ou seja, não está alinhado perante a sociedade. Aristóteles menciona que a paixão da *vergonha* causa, naquele que a sente, uma preocupação no estabelecimento de uma boa imagem perante o olhar do outro, assim, é provável que esse sentimento esteja em evidencia nessa situação.

Posteriormente, P3 busca demonstrar uma credibilidade em seu passado, descrevendo sua profissão e seu salário, no entanto, no decorrer da sua fala, ao citar sua ex-esposa, menciona seu desapontamento. Ao dizer que não teve o valor, que julgava merecer, o locutor exterioriza um presumível sentimento de tristeza e chateação, o que se assimila, mais uma vez, à paixão da *indignação*.

No desenvolvimento da entrevista, P3 justifica que, para não brigar com a ex-sogra, achou melhor abandonar o lar. O convívio entre eles, segundo relatos, não era saudável e por se sentir, de certa forma, pressionado

financeiramente, a solução encontrada foi deixar sua casa.

Nessa fala, acredita-se conter duas paixões aristotélicas, a primeira é a *cólera*, pois é, de acordo com Figueiredo (2018, p. 146), uma “paixão [que] reequilibra a diferença causada pela insolência, pelo despeito e pelo desprezo. Consiste na tentação de causar desgosto ao outro. Tange, portanto, ao pessoal, a questões particulares entre sujeitos”. Como descrito, é um sentimento dissociador, proveniente da raiva, o que se justifica na impossível convivência com mãe de sua ex-esposa. A segunda paixão é a *calma*, que Figueiredo (2018, p. 146) descreve como “o contrário e talvez o antídoto da cólera. Configura o estado de apaziguamento após um tormento estrondoso e recria a simetria entre os indivíduos”, e ela destaca-se no momento em que P3 explica que para evitar brigas deixou o lar. Mesmo havendo um desdém de sua sogra, o orador opta por tratar com indiferença essa situação. Dessa forma, P3 encontrou a calma ao se desvincular com aqueles que faziam parte de seu meio social anterior, ou seja, ao se distanciar da cólera que sentia por sua ex-sogra aproximou-se da calma em seu exílio nas ruas.

Quando questionado sobre a emoção, P3, visivelmente chateado, afirma que perder o amor do filho foi, nas palavras dele, “a coisa mais triste”, completando com “doido, *véi*, eu não sei explicar.” Aqui é admissível elencar as paixões do *amor* e da *indignação*. É o *amor* paternal, sentimento que pulsa diante de laços consanguíneos,



de forte afeição. Já a *indignação* parece presente na tristeza do orador. Estar longe e ser negado de uma reaproximação pode causar um mal que se julga não merecer.

Mais tarde, respondendo as últimas perguntas, P3 demonstra boa expectativa para o futuro. Por mais que admita ser um “caminho sem volta”, sonha em retomar suas atividades, reencontrar com sua família, ter uma casa e um carro.

No momento em que fala - “ver o meu suor escorrer na minha cara” - P3 demonstrar querer trabalhar duro, e que o cansaço da labuta parece ser honroso.

Embora todas as últimas respostas possam demonstrar a esperança, é no trecho a seguir que ela se faz mais evidente: “Ajuda mesmo é a gente mesmo criar vergonha na cara, mas buscar nossa felicidade, a gente tem que passar uma borracha por cima, é difícil, mas a gente tem que tentar”.

A felicidade parece estar acima de qualquer aparente tristeza, a expressão “passar uma borracha” simboliza o apagamento de todo o passado e de seus males. A dificuldade é incontestável, contudo, deve haver tentativa. A paixão da *confiança*, que, de acordo com Figueiredo (2018, p. 146) pode ser descrita como “o oposto do medo”. A confiança é “acompanhada da esperança (antecipação) das coisas que levam à segurança como algo próximo, enquanto as causas do medo parecem inexistentes ou distantes”, possivelmente, está presente no discurso de P3 por

conta de toda a alusão ao recomeço, à reconciliação com o passado e chance de renovação com o futuro. Apesar de acreditar ser difícil, o depoente demonstra a confiança ao expressar a esperança de poder mudar a sua situação e transformar sua realidade em algo melhor para si.

Considerações Finais

Conforme já exposto, a presente pesquisa busca rever as reflexões inerentes a retórica aristotélica, principalmente no que diz respeito ao *pathos* e as paixões despertadas capazes de persuadir e levar os indivíduos às mais variadas ações. Dedicar-se-á, nesse trabalho, a apresentação e aplicação dessas teorias clássicas da retórica, concomitantemente, com conceitos da psicologia e algumas concepções sociológicas e jurídicas.

Baseando-se nos relatos dos moradores em situação de rua que aceitaram, espontaneamente, passar por entrevistas, que viabilizaram a composição do *corpus* dessa pesquisa, pôde-se verificar, por meio de análises qualitativas fundamentadas na teoria retórica, a correlação entre os elementos passionais e as condutas provenientes das ações extremadas dos indivíduos em questão. Evidencia-se, ainda, uma possível correlação entre os principais fatores emocionais que levaram os moradores a se submeterem à vida nas ruas. Dessa maneira, este trabalho abarca também a possibilidade de um estudo futuro, à luz de aspectos sociológicos e jurídicos, que seja capaz de dirimir os efeitos extremos

do emocional humano, por meio de políticas públicas e assistência direta a esses cidadãos marginalizados.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê, 2002.
- ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Prefácio Michel Meyer. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010. (Coleção Linguagem e Ensino).
- FIGUEIREDO, M. F. A retórica das paixões revisitada. In: LUDOVICE, C. A. B.; MANFRIM, A. M. P.; OLIVEIRA, M. R. M. (Orgs.). *O texto: corpo, voz e linguagem*. Franca: Unifran, 2018.
- FIGUEIREDO, M. F.; FERREIRA, L. A. A perspectiva retórica da argumentação: etapas do processo argumentativo e partes do discurso. *ReVEL*, edição especial, vol. 14, n. 12, 2016.
- FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FOUCAULT, M. *História da loucura na idade clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FREUD, S. *Inibição, sintoma e medo*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- LIMA, M. A. *A retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia*. Natal: IFRN, 2011.
- MATEUS, S. *Introdução à retórica no séc. XXI*. Covilhã: LabCom Books, 2018.
- MEYER, M. *A retórica*. Tradução de Marli M. Peres. São Paulo: Ática, 2007. (Série Essencial).
- MORAES, A. *Direito constitucional*. São Paulo: Atlas, 2010.
- PERELMAN, C. *Retóricas*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

